

O HOMEM QUE PINTAVA A CIDADE POR MEIO DE PALAVRAS: CENAS URBANAS NATALENSES CONSTRUÍDAS A PARTIR DAS CRÔNICAS DE HENRIQUE CASTRICIANO

GABRIELA FERNANDES DE SIQUEIRA*

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar as cenas urbanas presentes nas crônicas de Henrique Castriciano, publicadas em periódicos que circulavam em Natal no início do século XX. Esse *flâneur* natalense construiu, por meio de seus textos, várias imagens da cidade, marcadas pela ambivalência de um sujeito que vivenciava o início do processo de modernização de uma Natal que era representada como possuindo hábitos ainda provincianos. Mais do que um mero observador, Castriciano foi um sujeito que sentiu a cidade. Suas crônicas não são apenas enunciados descritivos, mas são textos emocionalmente valorativos, que qualificam os espaços, demonstram sentimentos e criam uma visão particular do processo de modernização da cidade.

Palavras-chave: Castriciano; Cenas urbanas; Flâneur; Natal.

Abstract: *The man who painted the city through words: natalenses urban scenes built by the chronicles of Henrique Castriciano. The objective of this paper is to analyze the urban scenes present in the chronicles of Henrique Castriciano, published in journals that circulated in Natal in the early twentieth century. This natalense*

* Mestranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).
E-mail: <gabifernande_s@hotmail.com>.

flâneur build through his writings, several images of the city, marked by the ambivalence of a subject who was experiencing the beginning of the modernization of a city that was represented as having provincial habits still. More than a mere observer, Castriciano was a subject who felt the city. Her chronic are not merely descriptive statements, but are emotionally evaluative texts, which are assigned spaces, show feelings and create a particular vision of the modernization process of the city.

Key-words: *Castriciano; Urban scenes; Flâneur; Natal.*

Introdução

Nas palavras de um escritor, o “natalense de agora, tendo outros elementos de civilização ao seu alcance, embora o não faça por alegria de viver que sobejava no tempo de Lourival, pode succudir de um momento para outro a poeira do tempo, colher impressões novas, tomar passagens a bordo ou no trem, viajar, educar o espírito e a retina.”¹ Esse fragmento citado faz parte de uma crônica escrita em 1907 por Henrique Castriciano (1874-1943). Intelectual, político, poeta, literato, educador, Castriciano foi um homem que nasceu no século XIX e acompanhou várias mudanças que marcaram o início do século XX em Natal.

No trecho em destaque é possível perceber como esse autor fez referência a novos modos de observar e de se relacionar com as paisagens da cidade. Ele assinalou uma diferença entre o tempo de

¹ CASTRICIANO, Henrique. Lourival e seu tempo III. In: ALBUQUERQUE, José Geraldo de (Org.). *Seleção de textos e poesias I*. Natal: RN Econômico, 1993, p. 227. Ao longo do artigo optou-se por manter a grafia da época nos trechos de crônicas citadas.

Lourival e o de sua contemporaneidade. A cidade outrora imóvel, que possuía a alegria ingênua e pouco contato com o meio externo, devido à ausência de meios de transporte eficientes, dava lugar a um novo espaço, marcado por impressões novas. Por meio do trem, considerado um dos “elementos de civilização”, o movimento e a inovação técnica provocavam uma nova forma de perceber os espaços dessa e de outras cidades, e, nesse cenário de novidade, era necessário educar não só a retina, mas o espírito.

Assim, para Castriciano, os espaços não eram apenas meros observatórios. Eles tinham uma função, um efeito transformador na vida do indivíduo. Educavam a alma, ajudavam na formação cultural dos sujeitos. Castriciano apresentou nessa crônica como determinados elementos próprios da modernização provocaram mudanças na forma de pensar e sentir as paisagens da cidade. Formas diferentes da cidade do tempo de Lourival, poeta representativo da cidade de outrora, ainda não permeada pelos considerados “elementos de civilização”.

Henrique Castriciano foi uma espécie de *flâneur* natalense, que tinha a rua como sua moradia.² O *flâneur* foi um personagem típico da Paris do século XIX, muito discutido por Walter Benjamin ao comentar sobre Baudelaire, que passeava pelas ruas parisienses observando, com olhos e sentidos ligados nas distrações

² BENJAMIN, Walter. A Paris do Segundo Império em Baudelaire. In: KOTHE, Flávio; FERNANDES, Florestan (Orgs.). *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1985, p. 66.

que o cercavam.³ Castriciano era um indivíduo privilegiado, com uma sólida formação intelectual. Escrevia sobre o cotidiano da cidade, caminhava por Natal e observava. Sentia o espaço e pintava, por meio de palavras, o cenário urbano vivenciado. Essa disposição para caminhar e observar a urbe permite que Castriciano seja considerado um *flâneur* natalense. O autor pôde visualizar a Natal que adentrava o século XX com características ainda tidas como provincianas, mas que começou a sofrer várias intervenções. Uma cidade que queria fazer-se moderna e acompanhar as mudanças que estavam em voga nos considerados centros de civilização, como a Europa e os Estados Unidos. Esse *flâneur* natalense idealizou uma Natal a partir das viagens que fazia por meio da leitura e pelos deslocamentos físicos realizados desde sua juventude, quando foi acometido pela “dama branca”, como era chamada a tuberculose naquele período. Doença que muito inspirou suas crônicas e poesias, mas o deixou órfão, levando, além de seus pais, sua irmã Auta de Souza, também poetisa de grande expressão na cidade.

O objetivo deste artigo é apresentar a cidade do Natal (ou cidades) presente(s) nas crônicas de Henrique Castriciano, publicadas em periódicos que circulavam na cidade no início do século XX. Esse autor construiu, por meio de seus textos, várias imagens da urbe. Caracterizou cenas urbanas, apresentando, muitas vezes,

³ CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa (Orgs.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac Naify, 2004, p. 22.

descrições minuciosas, tal qual um pintor que se dedica a construir uma aquarela da cidade que observa. Mais do que um mero observador, Castriciano foi um sujeito que sentiu a cidade. Suas crônicas são textos valorativos, que qualificam os espaços, demonstram sentimentos, que muitas vezes são ambivalentes. Esses pensamentos e sentimentos ambivalentes são característicos da maior parte dos cronistas, dos poetas e dos intelectuais que dissertaram sobre a cidade em processo de modernização, como Baudelaire escrevendo sobre a modernização de Paris e João do Rio construindo imagens da modernização carioca.⁴

Assim, o artigo pretende trazer uma contribuição à história local, a partir da análise das representações de um membro da intelectualidade natalense que também participou do poder local, por meio do exercício de cargos no governo estadual. Com base nas crônicas castricianas é possível observar como um representante dessa intelectualidade local entendia as transformações do início do século XX de uma maneira peculiar. Demonstrando que a modernização da cidade foi processual e provocou sentimentos e reações contraditórias nos sujeitos que a vivenciaram. O artigo ajuda a perceber

⁴ Ver BERMAN, Marshall. Baudelaire: o modernismo nas ruas. In: _____. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 e PESAVENTO, Sandra Jatahy. Rio de Janeiro: uma cidade no espelho (1890-1910). In: _____. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. Para entender melhor a relação entre modernidade e ambivalência, ver BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. Para Bauman, a ambivalência é produto da prática moderna.

como a modernização da cidade conviveu com continuidades, não sendo apenas um período em que o novo tinha espaço ou em que os hábitos tidos como provincianos foram totalmente modificados. O trabalho permite a compreensão de um momento particular da história da cidade, que, diferentemente do que muitos autores locais descrevem, não foi marcado por transformações rápidas e profundas.

As transformações tão exaltadas nos periódicos, nas mensagens dos governadores e nos relatórios dos presidentes da Intendência eram, muitas vezes, discursos que não foram praticados na cidade. Vale ressaltar que, com o advento da República, os estados adquiriram maior autonomia, o sistema político e cultural foi modificado e, nessa nova realidade, para manterem-se no poder, os grupos familiares tinham que dominar o poder local, diferentemente do que ocorria no período imperial. No Império, a preocupação era com o fortalecimento do Estado nacional. Os políticos, sobretudo os presidentes de província, circulavam geograficamente pelo país, visando evitar que os funcionários se identificassem com os interesses locais e prejudicassem a unidade criada.⁵

⁵ Sobre essa mudança do sistema político e cultural do Império para a República, ver CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996; RESENDE, Maria Efigênia Lage de. O processo político na Primeira República e o liberalismo oligárquico. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010 e CARONE, Edgar. *A Primeira República (1889-1930): texto e contexto*. São Paulo: Difel, 1969.

Com a República, o grupo familiar Albuquerque Maranhão assumiu o poder no Rio Grande do Norte e, visando legitimar-se no poder em meio a um novo contexto político, esforçou-se em construir uma espacialidade e uma identidade norte-rio-grandense, representando esse período como promissor, como diferente do anterior, do imperial, em que a cidade era permeada de características provincianas e atrasadas. Tratava-se de um momento em que esses grupos dirigentes queriam afirmar-se na cidade, e, para tanto, inscreviam-se nas toponímias da urbe, nos novos espaços criados e, especialmente, na historiografia estadual e local, que começou a ser escrita e disseminada nesse período.⁶

Observa-se como o contexto republicano propiciou a construção de um discurso de transformação, em que reformas eram exaltadas, em que os grupos dirigentes prometiam transformar a cidade, urbanizá-la, torná-la nova, diferenciá-la da cidade “velha”, salubre, com ruas estreitas e tortuosas, composta por apenas dois bairros, Ribeira e Cidade Alta, ainda permeada por costumes tidos como atrasados. Como exposto, trata-se de um discurso propiciado pela mudança do sistema político e cultural vigente. Entretanto,

⁶ Para uma análise mais densa sobre o sentido de identidade e espacialidade norte-rio-grandense presente na historiografia do início do século XX, ver PEIXOTO, Renato Amado. Espacialidade e estratégias de produção identitária no Rio Grande do Norte no início do século XX. In: _____ (Org.). *Nas trilhas da representação: trabalhos sobre a relação entre história, poder e espaços*. Natal: UFRN, 2012 e BRITO, Anderson Dantas da Silva. *Em nome(s) dos interesses: imaginários toponímicos do Rio Grande do Norte na Primeira República*. 2012. 264 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, 2012.

apesar da existência de um discurso local forte de transformação, não se pode deixar de mencionar que, em Natal, existiram na prática reformas influenciadas pelos ideais higiênicos e urbanísticos em voga, tendo a Europa e os Estados Unidos como modelo.

Natal enfrentou várias reformas e foi nesse período que ocorreu a introdução do sistema de água e esgoto, a melhoria nos sistemas de iluminação, de transporte e de comunicação, a construção de um teatro na cidade, entre outras transformações que aproximavam essa cidade da modernização que estava sendo operada em diversas capitais brasileiras. Reformas que iam além do aspecto técnico, modificando também as formas com que os indivíduos percebiam seus espaços, alterando as sensibilidades e as formas de sociabilização. Assim, deve-se frisar que existiram mudanças concretas na cidade e que essas não ficaram restritas apenas a um discurso. Entretanto, essas mudanças foram limitadas, atingiram apenas determinados grupos e enfrentaram resistências.

Logo, apesar de terem ocorrido reformas sociais e técnicas, nota-se que o discurso, a exaltação dessas reformas, era mais animador do que sua efetiva concretização. Por meio das crônicas castricianas é possível perceber a limitação dessas reformas e o impacto das mesmas na realidade da cidade. Deve-se frisar que Castriciano tinha ótimas relações com o grupo familiar Albuquerque Maranhão e era membro dessa elite que anunciava reformas na cidade. Mesmo nessas condições, nas crônicas do autor as ambivalências e contradições do período são aparentes, demonstrando como o discurso de reforma era mais forte do que a sua prática.

Dessa maneira, Castriciano, como observador privilegiado, ofereceu um testemunho de como as mudanças não ocorrem de maneira repentina, deixando transparecer em suas representações esse período ambivalente que foi a transição do período imperial para o republicano no Estado do Rio Grande do Norte e, especificamente, em Natal, capital de um Estado que adquiria uma nova condição política, a de uma unidade federativa. O artigo objetiva, ainda, aproximar o estudo da história urbana com o estudo da literatura, analisando as transformações urbanas vivenciadas em Natal e suas representações no período por meio de textos literários.

Para tentar reconstruir essa Natal narrada e descrita nas crônicas castricianas, propõe-se uma aproximação com as concepções de Mitchell. Para o autor, não existem artes puramente visuais ou verbais, todos os meios são mistos, sendo a *écfrasis*, a representação verbal de uma representação visual, um exemplo de meio misto.⁷ Para analisar a *écfrasis* não se deve levar em consideração apenas a relação entre objeto descrito e sujeito que descreve, mas também se deve pensar na relação com o sujeito leitor, que lerá, imaginará, converterá em imagens o texto verbal.⁸ As crônicas de Castriciano analisadas podem ser aproximadas do gênero ecfrático, uma vez que também utilizam a descrição para compor os cenários urbanos que pretendem apresentar. Como gênero que expressa o cotidiano, as

⁷ MITCHELL, William John Thomas. *Teoría de la imagen: ensayos sobre representación verbal y visual*. Madrid: Akal, 2009, p. 12.

⁸ MITCHELL, op. cit., p. 147.

crônicas castricianas são textos curtos e emocionalmente valorativos. Tratam-se de narrativas e descrições marcadas pela sensibilidade de um sujeito que passeava, que observava essa cidade enquanto expectador e vivente, enquanto político e intelectual, enquanto *flâneur*.

Ao longo do artigo pretende-se analisar o papel da descrição na estruturação das cenas urbanas construídas por Henrique Castriciano em suas crônicas, bem como pensar em que medida o autor percebia as transformações que ocorriam na cidade, elaborando uma noção particular da modernização de Natal. Para tanto, tentar-se-á responder as seguintes questões: Como Castriciano experimentou a Natal do início do século XX? Como as vivências do autor interferiram nas cenas urbanas construídas? Quais os ritmos dessa cidade estão presentes em suas crônicas? Que cidade é essa, que tem de lidar com o trem, com o bonde e com a eletricidade e, ao mesmo tempo, vive a pasmaceira do falar constantemente da vida alheia? Como Castriciano criou uma visualidade da cidade em suas crônicas e como pretendia que seus leitores reagissem a essa cidade? Para discutir os questionamentos propostos serão analisadas algumas crônicas escritas por Castriciano na primeira metade do século XX.

O flâneur e a cidade observada

A coletânea de textos intitulada *O cinema e a invenção da vida moderna* analisou diversas mudanças que ocorreram em vários países na transição do século XIX para o século XX e caracterizaram

o período denominado de modernidade enquanto campo de hiperestímulos sensoriais e discursivos. A modernidade foi pensada na coletânea como momento de emergência de novas formas de experiência estética, de um novo olhar, período que muitas vezes é definido pelos denominados “emblemas da modernidade”, isto é, por inovações técnicas como o automóvel, o telefone, o cinema, o trem, e pelo impacto dessas inovações na sociedade.⁹ Os textos elucidaram características marcantes da modernidade, como a imersão no cotidiano efêmero.

As novas tecnologias implantadas modificaram as formas de percepção e provocaram a emergência de uma cultura urbana e metropolitana, fazendo com que a modernidade pudesse ser mais bem entendida no contexto da cidade.¹⁰ Na modernidade o corpo também se tornou elemento crucial, “seja como espectador, como veículo de atenção, ícone de circulação ou local de desejo insaciável.”¹¹ Foi nessa realidade que emergiu a figura do *flâneur*, personagem emblemático da Paris do século XIX. O ensaio de Ben Singer ajudou a caracterizar esse cenário urbano invadido por novos estímulos, que bombardeavam os sujeitos com um ritmo de vida frenético, mas que também provocavam medo e insegurança.

Na imprensa, sobretudo nos jornais tidos como sensacionalistas, os chamados “perigos da modernidade” eram representados

⁹ CHARNEY; SCHWARTZ, op. cit., 2004, p. 17.

¹⁰ CHARNEY; SCHWARTZ, op. cit., 2004, p. 19.

¹¹ CHARNEY; SCHWARTZ, op. cit., 2004, p. 22.

exageradamente, caracterizando a instabilidade da época e suas contradições. Assim, várias imagens veiculadas na imprensa de Nova York representavam acidentes de bondes e de automóveis, ressaltando como as novas tecnologias e os novos ritmos possuíam desastrosas consequências.¹² A modernidade passava a ser representada não apenas como definidora de uma fase áurea de progresso, mas também como potencialmente perigosa. Representações que se tornavam ambivalentes e anunciavam que a população ainda não tinha se adaptado por completo à modernidade urbana.

A Natal que Castriciano experimentou não despertava tantos estímulos como a Paris do século XIX, que vivia as transformações desencadeadas pelo prefeito Haussmann, e era objeto da poesia de Baudelaire. Contudo, os grupos que administravam a capital norte-rio-grandense empenhavam-se em remodelar a cidade, em torná-la digna de ser uma capital e atender a nova condição política de uma unidade federativa. Assim, optou-se por empregar o conceito de modernização, e não o de modernidade, para caracterizar as transformações materiais e simbólicas sofridas na cidade ao longo do período republicano.

Segundo Raymundo Faoro, a modernidade compromete em seu processo toda a sociedade, ampliando os papéis de todas as esferas sociais. Já a modernização é conduzida por um grupo específico, que privilegia os setores dominantes, “procura moldar, sobre o país,

¹² SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa (Orgs.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

pela ideologia ou pela coação, uma certa política de mudança.”¹³ Dessa maneira, o que se verifica no Brasil (e em Natal) são ímpetus de modernização, mudanças que são implementadas segundo o desejo de um grupo dirigente. Várias mudanças em Natal demonstraram essa modernização, que não revitalizou nem remodelou os papéis sociais de todos os grupos que formavam a sociedade natalense, beneficiando apenas o grupo que estava no poder, representado, nesse período, pelo grupo familiar Albuquerque Maranhão e sua rede de parentela e afinidade também imbricada no governo municipal da capital.

Assim, observa-se que Natal sofreu influência dessas transformações, dessa modernidade que irradiava em várias partes do Globo, porém essas influências foram traduzidas para a esfera local. A modernização da cidade foi processual, despontando, sobretudo, na década de 1920.¹⁴ Entretanto, as transformações iniciadas no início do século XX já provocavam mudanças na forma de observar e sentir os espaços, como será visto nas crônicas de Henrique Castriciano e nas matérias dos periódicos locais.¹⁵

¹³ FAORO, Raymundo. *Existe um pensamento político brasileiro?* São Paulo: Ática, 1994.

¹⁴ Sobre a modernização da cidade na década de 1920, ver DANTAS, George. Surge et ambula: “crise” urbana em Natal na virada para a década de 1920. In: _____. *Linhas convulsas e tortuosas retificações: transformações urbanas em Natal nos anos 1920*. 2003. 194 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo (USP), São Carlos, 2003.

¹⁵ Notícias de acidentes e atropelamentos envolvendo os novos meios de transportes, como o bonde, também permeavam os periódicos natalenses. Os corpos dos sujeitos tinham que se adaptar às novas formas de locomover-se pelo espaço, ao novo ritmo que se tornava mais frenético, e os espaços passavam a ser observados e experimentados dentro da máquina urbana. Trata-se de uma nova ordem, novos estímulos e novas sensações. Ver LAMENTAVEIS OCORRÊNCIAS. *A Republica*, Natal, 3 dez. 1917; DESASTRE DE BONDE. *A Republica*, Natal, 14 jul. 1934; entre outras.

Nascido em Macaíba, em 1874, Henrique Castriciano logo cedo, após tornar-se órfão aos cinco anos de idade, foi morar com os avós em Recife, indo residir em Natal a partir da década de 1890. Acometido pela tuberculose, deslocou-se por várias cidades para recuperar-se. Ainda no Rio Grande do Norte, passou por Tibau, Angicos, Martins e Mossoró. Iniciou o curso de bacharel em Direito em 1903, na cidade de Fortaleza, mas só no Rio de Janeiro formou-se advogado em 1908. Ainda em busca da cura, fez sua primeira viagem para a Europa em 1909, passando por vários países, sobretudo pela Suíça, onde concretizou a sua ideia de modificar a educação feminina no Brasil, especialmente em Natal. O modelo das escolas domésticas suíças encantaram o também denominado “príncipe dos poetas norte-rio-grandenses”, que, após a sua segunda viagem pela Europa, em 1913, ajudou a fundar a Escola Doméstica de Natal em 14 de setembro de 1914, sendo esta uma das primeiras instituições dedicadas ao ensino de mulheres existente no Brasil.¹⁶

Castriciano também foi um dos fundadores do grupo de escoteiros de Natal em 1909 e, desde os 17 anos, foi convidado a escrever para o jornal *A Republica*, periódico oficial do Partido

¹⁶ Os dados biográficos apresentados ao longo desse artigo foram extraídos, sobretudo, da biografia de Henrique Castriciano elaborada por Câmara Cascudo. Ver CASCUDO, Luís da Câmara. *Nosso amigo Castriciano*. Natal: UFRN, 2008. Para mais informações sobre o projeto educacional de Castriciano e sobre a Escola Doméstica, consultar RODRIGUES, Andréa Gabriel Francelino. *Educar para o lar, educar para a vida: cultura escolar e modernidade educacional na Escola Doméstica de Natal (1914-1945)*. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, 2007.

Republicano Federal do Rio Grande do Norte. Como político, Castriano foi secretário do governador Alberto Maranhão a partir de 1900, cargo ocupado até 1910. Foi também vice-governador durante duas gestões, de 1915 a 1924. No período em que atuou como político a cidade de Natal passou por várias mudanças. A República criou novos mecanismos e novas relações nos estados brasileiros, que ganharam maior autonomia e puderam modificar suas relações políticas e identitárias.¹⁷ O domínio da esfera estadual significava o controle de verbas que poderiam ser empregadas diretamente nas áreas de influência de quem controlasse essa esfera de poder.¹⁸

No início do século XX, no Rio Grande do Norte, a família Albuquerque Maranhão controlava o poder na esfera estadual e implementou, juntamente com o apoio da Intendência Municipal de Natal, uma série de mudanças que visavam criar uma nova forma para a cidade. Além da construção de um novo bairro, Cidade Nova (atuais Tirol e Petrópolis), encontram-se modificações de nomes de ruas, introdução do sistema de água e de esgoto, melhoria

¹⁷ Além do controle de determinadas verbas, os estados adquiriram, com o regime republicano, maior autonomia na definição de sua política fiscal, na contratação de empréstimos externos, na criação de novas repartições e serviços, na nomeação de autoridades e funcionários estaduais, etc. Para maiores informações sobre a conjuntura local, ver SPINELLI, José Antônio. Coronéis e oligarquias na Primeira República. *Observanordeste*. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/geral/observanordeste/spinelli_05.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2012.

¹⁸ Em 1910 o governo do Rio Grande do Norte contraiu empréstimo com a França, que foi utilizado para implementar diversas reformas na cidade. A esse respeito consultar *A REPUBLICA*, Natal, 30 abr. 1910. Esse empréstimo só foi possível na racionalidade republicana, quando os estados puderam realizar empréstimos diretos, sem intermédio do governo federal.

no sistema de iluminação, transporte e comunicação, entre outras mudanças. Essas reformas eram divulgadas e exaltadas nos periódicos que circulavam por Natal.¹⁹ Entretanto, essas mudanças não ocorreram de maneira repentina, sendo que parte delas conviveu com continuidades e muitas ficaram restritas ao plano do discurso.

Como *flâneur* natalense, Castriciano vivenciou essas alterações, observou a introdução de novos elementos como o bonde, a luz elétrica, o teatro, mas tais mudanças não ocorreram rapidamente. A introdução de novas tecnologias convivia com elementos considerados tradicionais. Várias resoluções implementadas pela Intendência Municipal tentavam resolver problemas na cidade, como o trânsito de animais nos bairros urbanos, o acúmulo de lixo pelas ruas, o hábito de urinar em ambientes públicos, entre outros costumes que demonstravam que Natal ainda enfrentava problemas próprios de cidades provincianas.²⁰ Quando Castriciano foi morar em Natal, na década de 1890,

¹⁹ Matérias publicadas no periódico oficial demonstraram o desejo de transformar a cidade. Ver LIMPESA DAS RUAS. *A Republica*, Natal, 4 abr. 1902; INSPECTORIA DE HIGIENE. *A Republica*, Natal, 16 dez. 1902, entre outras. Algumas matérias anunciavam a tentativa de aproximar Natal da Europa e dos Estados Unidos, comentando determinados acontecimentos desses considerados “centros de civilização”: O QUE VAI PELO MUNDO. *A Republica*, Natal, 5 jan. 1905; CARTAS DE PARIS. *A Republica*, Natal, 21 jan. 1905; O COMMERCIO DE LIVERPOOL. *A Republica*, Natal, 22 mar. 1905; entre outras.

²⁰ Para mais informações sobre as resoluções municipais e seus conteúdos, ver SIQUEIRA, Gabriela Fernandes de. As Resoluções Municipais como fontes para pesquisas de história urbana da cidade de Natal no início do século XX. In: *Anais do II Seminário Nacional Fontes Documentais e Pesquisa Histórica: sociedade e cultura*. Campina Grande: UFCG, 2011, p. 1-6 e SANTOS, Renato Marinho Brandão. A gestão da cidade: o papel da Intendência Municipal na construção de uma Natal moderna (1890-1930). *Espacialidades: Revista do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)*, Natal, v. 2, n. 1, 2009.

a cidade era, nos dizeres de Cascudo, uma “pequenina capital sonolenta”.²¹ A urbe era formada por apenas dois bairros, Cidade Alta e Ribeira, separados entre si por uma ladeira íngreme, que provocava o isolamento e até mesmo a rivalidade entre os moradores dos dois bairros.

Como jovem apaixonado pela leitura, Castriciano dividiu sua juventude entre as mazelas da doença e os prazeres dos livros. Seus textos, poemas, crônicas e palestras foram influenciados por suas vivências. Foi um homem de deslocamentos constantes, de pensamentos contraditórios, que vivenciou as mudanças de uma cidade que queria fazer-se moderna, mas que ainda convivía com elementos de uma sociedade provinciana. Como apontaram os autores da coletânea *O cinema e a invenção da vida moderna*, a emergência da modernização provocou mudanças na forma de observar. É possível pensar Castriciano como um novo observador que foi influenciado pelas transformações dessa nova conjuntura que afluía em Natal; modernização que Castriciano compreendeu e sentiu de um modo específico.

Crítica de costumes

A crônica *Aspectos natalenses, crítica dos costumes*, publicada em 1903 no jornal *Gazeta do Commercio* e escrita por Henrique Castriciano, que utilizou o pseudônimo de José Braz, demonstrou como Castriciano pensava e sentia a Natal do início

²¹ CASCUDO, op. cit., 2008, p. 53.

do século XX.²² Como o título anuncia, o autor buscou apresentar críticas de costumes da sociedade natalense e propôs formas de modificar essa cidade, que possuía “perniciosos defeitos” em sua vida social.²³ Entre esses defeitos, encontrava-se o hábito de falar mal da vida alheia nos espaços de sociabilização que, por sua vez, eram bastante escassos:

Povo sem commercio, sem arte, sem literatura, e, por conseguinte, sem intuição clara da vida moderna, a nossa existência parece a de um corpo sem cabeça, sem capacidades volitivas, sem órgãos de sentimento, sem vontade. [...] Moramos numa capital e não temos aos domingos para onde ir. Tudo isso está indicando uma doença grave, um estado pathologico que precisa ser modificado pela acção regeneradora.²⁴

Nota-se, pois, que Castriciano, ao criticar essa sociedade natalense, acabou descrevendo o que entendia como sendo a vida moderna, que estaria permeada por atividades comerciais, por expressões artísticas e literárias. Assim, para Castriciano, a vida moderna ainda não teria chegado à capital norte-rio-grandense, que vivia como um corpo movido apenas por instintos, com indivíduos que não eram guiados por sentimentos e vontades.

²² Castriciano utilizou vários pseudônimos em suas crônicas, sendo alguns exemplos: José Braz, Rosa Romariz, Mario do Valle, José Capitulino, Y, João Claudio e Erasmus Van de Does. A esse respeito, consultar ALBUQUERQUE, José Geraldo de (Org.). *Seleto textos e poesias I*. Natal: RN Econômico, 1993, p. 3.

²³ BRAZ, José. Aspectos natalenses, crítica dos costumes. In: ALBUQUERQUE, José Geraldo de (Org.). *Seleto textos e poesias I*. Natal: RN Econômico, 1993, p. 185.

²⁴ BRAZ, op. cit., 1993, p. 185.

Observa-se ainda a utilização de várias metáforas corporais na referida crônica, que são, muito possivelmente, consequências dos discursos médicos e higienistas em voga em diversas cidades nesse período, e que justificavam a realização de reformas urbanas. Essas metáforas também podem aproximar as concepções de Castriciano como sendo próprias do novo tipo de observador que surgiu no século XIX e foi descrito por Jonathan Crary. No livro intitulado *Las técnicas del observador*, Crary estudou a reorganização da visão na primeira metade do século XIX, que culminou com a emergência de um novo tipo de observador, rompendo com os modelos de visão renascentista e clássicos. No século XIX, o funcionamento da visão tornou-se dependente da constituição fisiológica do observador, tornando a visão imperfeita e discutível, até mesmo arbitrária. Tem-se a emergência de uma visão subjetiva que não era decorrente da simples mediação entre sujeito e objeto ou só do objeto. A visão passou a depender de uma série de desenvolvimentos fisiológicos do observador, sendo diferente em cada indivíduo.²⁵

Durante o século XIX os estudos sobre as fisiologias corporais foram intensificados, o que pode ter influenciado a escrita e as concepções castricianas.²⁶ Castriciano pode ser aproximado ao novo

²⁵ CRARY, Jonathan. *Las técnicas del observador: visión y modernidade em el siglo XIX*. Murcia: CENDEAC, 2008.

²⁶ Segundo Arrais, Castriciano foi o líder local de uma geração que se formou sob o cientificismo difundido a partir da denominada Escola do Recife. Ver ARRAIS, Raimundo. Do alto da torre da matriz, acompanhando a procissão dos mortos: Luís da Câmara Cascudo, o historiador da cidade do Natal. *Espacialidades: Revista do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)*, Natal, v. 2, n. 1, 2009, p. 9.

observador que emerge no século XIX e sua crônica parece reconhecer que os indivíduos não observam a cidade da mesma maneira, e que a visão é um processo biológico, mas que pode ser orientada, disciplinada. Não basta apenas passar o olho, para Castriciano é preciso refletir, pensar, admirar, observar a cartela de cores, sentir a paisagem, por isso o autor ressaltou em algumas crônicas a necessidade de “se educar a retina”. Ainda nessa crônica, Castriciano continuou descrevendo a cidade e seus moradores, que decepcionavam os viajantes. Esses viajantes podiam encantar-se com a visão de “aldeia pitoresca” que a cidade despertava, permeada por dunas, mangues “imóveis emoldurando um lado do rio”, mas que, quando chegavam à cidade de fato, observavam prédios e armazéns antigos e descuidados, semelhantes a “velhos em ceroula com laços sujos de tabaco”.²⁷

Nessa crônica Castriciano realizou descrições verbais de suas experiências visuais, construindo um cenário urbano: a Natal que ele considerava ainda distante da modernização. Os habitantes foram comparados a doentes convalescentes e sua cidade a idosos mal cuidados, sujos de tabacos e arranhados pelo tempo e pela falta de asseio. A *écfrasis* construída caracterizava uma cidade sonolenta, que estava longe de adquirir o ritmo frenético da modernização. Cidade que era permeada por fofocas, por uma população sedentária, que não valorizava o trabalho, ambiente capaz de gerar repúdio a qualquer viajante. Ao final da crônica, Castriciano enfatizou a necessidade de modificar

²⁷ BRAZ, op. cit., 1993, p. 185.

a educação moral do natalense por meio de uma reforma humanitária que deveria começar pelas mulheres, trazendo à tona um problema que marcou a sua vida: a educação feminina. Antes mesmo de viajar para a Europa e conhecer experencialmente as escolas domésticas suíças, Castriciano já escrevia crônicas e palestras que ressaltavam que a reforma moral da sociedade deveria começar pelas mulheres.

Em outra crônica também intitulada *Aspectos natalenses, crítica de costumes*, Castriciano, ainda fazendo uso do pseudônimo José Braz, comentou como as mulheres natalenses desperdiçavam seu tempo em casa, só tendo permissão de ir à missa aos domingos, o que fazia com que os poucos espaços de sociabilização fossem caracterizados pelo mau cheiro do tabaco, da saliva e do paletó velho dos homens, não tendo o perfume e o encantamento feminino, acarretando a ausência de “poesia para contrabalançar os descuidos físicos do sexo forte.”²⁸

Na maioria de suas crônicas a pasmaceira da cidade é representada pelo enclausuramento das mulheres e pela falta de ambientes de sociabilização tidos como “civilizados”. Ainda nessa crônica sobre costumes, o autor elucidou que a sociedade natalense precisava adquirir o hábito de sair, necessitava civilizar-se, adquirir a elegância que, segundo o autor, só se adquiria nas grandes cidades

²⁸ O organizador da coletânea não conseguiu identificar a data e o local de publicação dessa crônica, entretanto, pelo conteúdo e pelo título, possivelmente trata-se de crônica publicada ainda no início do século XX, como a descrita anteriormente. Ver BRAZ, op. cit., 1993, p. 9-10.

movimentadas. Nota-se como o *flâneur* natalense apresentou uma Natal estagnada, que parecia adentrar o século XX sem conhecer o frenesi da modernização. Apesar de criticar alguns aspectos da cidade, Castriciano encerrou essa crônica de costumes descrevendo com riqueza de detalhes a paisagem do rio Potengi ao entardecer vista da região do Refoles. A *écfrasis* elaborada era rica em detalhes e apontava relações sentimentais do autor com a paisagem:

Os meus olhos ainda não viram nada mais emcantador que o nosso Potengi, descendo para o mar, nas horas de vasante, sereno e calmo [...], dando à perspectiva uns tons suaves de mágica, de tela polychroma [...] uma tão grande variedade de tintas, de cores alternadas pela refração da luz agonizante, que a gente fica horas e horas embebida na contemplação desse panorama evocador de outros lugares [...].²⁹

Observa-se como o autor parece descrever uma pintura de marina, utilizando vocábulos que possuem apelos visuais como “tela”, “tons”, “tintas”, “cores”, “perspectiva”. Castriciano parece compor uma aquarela do Potengi, com suas águas calmas, cheias de tons de cores, que despertavam a nostalgia. Paisagem que remetia o indivíduo a outros tempos e lugares, que fazia acordar a memória. Os sentimentos dos indivíduos seriam despertados e aguçados pela contemplação dessa paisagem. A natureza seria capaz de fazer com que os indivíduos escapassem do meio urbano natalense e, hipnotizados pela aquarela do Potengi, pudessem reviver suas lembranças.

²⁹ BRAZ, op. cit., 1993, p. 9.

Ao finalizar essa *écfrasis*, Castriciano demonstrou ressentimento pelo fato do natalense não ter esse hábito de sentir a paisagem, enfatizando que “a nossa retina não foi educada para tal cousa, mas para observamos a vizinha com que traje sahiu.”³⁰ Nota-se como Castriciano reconhecia que a visão não dependia apenas do objeto visto, mas tratava-se de um processo fisiológico, que envolvia a retina e que podia ser disciplinado. A educação era um desses processos capazes de fazer com que o natalense observasse suas paisagens, saísse da pasmaceira e do atraso em que vivia. Seu projeto de escola doméstica atenderia essa função, seria uma espécie de modernização conservadora. As mulheres seriam preparadas para a realização de serviços técnicos ao mesmo tempo em que receberiam instruções de como portar-se em público e organizar o lar.

Observa-se que, em uma mesma crônica, Castriciano ressaltou como a cidade estava longe de modernizar-se e como essa modernização era necessária, mas também enfatizou a existência de belas paisagens, que não eram aproveitadas pelos moradores. A natureza esteve sempre presente nas crônicas castricianas, que muitas vezes descrevem minuciosamente as paisagens naturais da cidade, que não são apenas bonitas, mas são inspiradoras. Provavelmente esse gosto pela natureza refletiu a experimentação de Castriciano. Foi a natureza que lhe garantiu mais anos de vida, foi com a natureza que conviveu durante longos períodos e era junto a natureza que ele conseguia experimentar e contemplar plenamente essa cidade.

³⁰ BRAZ, op. cit., 1993, p. 11.

Como essas crônicas eram publicadas em jornais que circulavam na cidade, o autor possivelmente tencionava, por meio de seus textos, despertar os habitantes, fazê-los sentir a cidade. Mais que informá-lo, Castriciano tencionava formar esse leitor, para que ele pudesse, como o *flâneur* natalense, vivenciar a modernização ao mesmo tempo em que podia contemplar as paisagens pitorescas da cidade, nem que essa contemplação se fizesse apenas por meio da imaginação desse leitor, ao transformar as verdadeiras fotografias verbais escritas por Castriciano em imagens mentais. Assim, para o autor, seus textos possuíam função pedagógica.

***A saudade é como um fio de veludo ou de retrós, não nos separa como um rio, nos levará mais e mais*³¹**

Se Castriciano criticou a pasmeira que caracterizava a cidade no início do século XX, a Natal do tempo de outrora, isto é, do século XIX, foi lembrada com nostalgia e até mesmo exaltada pelo *flâneur* natalense. Essa nostalgia pôde ser observada em um conjunto de nove crônicas publicadas no *A Republica* entre julho e agosto de 1907. Essas crônicas versavam sobre o poeta Lourival Açucena (1827-1907), tido como representante dessa Natal do passado, que acabara de falecer. Nessas crônicas, sem utilizar pseudônimos, observa-se o caráter ambivalente de Castriciano, que sente

³¹ Título inspirado no hino de despedida cantado pelas alunas da Escola Doméstica de Natal em todas as refeições de grau desde a fundação da instituição. A letra do hino foi elaborada por Henrique Castriciano.

saudade dessa Natal ainda mais longe da modernização do que a Natal de seu presente.

Em uma dessas crônicas Castriciano iniciou o texto compondo uma *écfrasis*, descrevendo minuciosamente várias paisagens tidas como “pittorescas” na cidade, ressaltando como eram essas paisagens no tempo de Lourival e como estavam no momento de sua escrita:

A paisagem que serve de moldura à cidade é, no seu conjunto, de uma grande beleza melancólica. Perto da barra, vê-se a fortaleza dos Reis Magos, com suas muralhas históricas e o seu perfil saudosamente vetusto [...]. O Morcego, hoje povoado de graciosas vivendas e toucado de vegetação nos bons tempos da mocidade de Lourival [...]. Além de Refoles, situado à pequena distancia da área urbana, a capital possui outros pittorescos arrabaldes [...].³²

Nota-se como Castriciano não faz apenas uma mera descrição dessa paisagem da cidade, mas a caracteriza sentimentalmente, como possuidora de uma “beleza melancólica”. Essa *écfrasis* é utilizada na crônica para descrever o que o autor denominou de arrabaldes “pittorescos”, termo que aparece na maioria das crônicas castricianas. Esses arrabaldes pittorescos, ressaltou Castriciano, foram muito importantes na formação moral e intelectual da cidade do tempo de Lourival. Foram nesses ambientes que as crianças brincaram, que os casais namoraram, que ricos e pobres festejaram conjuntamente. Na Natal do século XX muitos desses ambientes não eram valorizados como antes, pois surgiam novos elementos, como o trem e o bonde,

³² CASTRICIANO, op. cit., 1993, p. 225.

que despertavam impressões diferentes e faziam com que esses espaços pitorescos não fossem tão frequentados como outrora.

Essa crônica permite a conjectura do sentido de pitoresco para Castriciano. Segundo Valéria Lima, o termo pitoresco surgiu no século XVII entre os italianos e significava tudo que se prestasse à representação pictórica, ou seja, pitoresco seria a matéria prima da pintura.³³ No século XVIII, com a influência das reflexões inglesas sobre natureza e pintura de paisagem, o termo assumiu um valor estético e, no final do século XIX, passou a caracterizar um gênero literário denominado “viagens pitorescas”. Esse termo passou a fazer referência a detalhes da natureza que seriam capazes de captar e impressionar o olhar. Em meados do século XIX, a denominação “pitoresco” começou a referir-se não só a elementos da natureza, mas a tudo que fosse capaz de “despertar a memória do espírito e a memória dos olhos.”³⁴

Ao analisar a obra de Debret, Lima considerou que os sentidos de pitoresco nessa obra eram diversos. Castriciano, assim como Debret, utilizou o termo pitoresco de diferentes maneiras. Em algumas crônicas o termo é utilizado para caracterizar paisagens naturais que são capazes de impressionar qualquer viajante. Já na crônica apresentada, nota-se

³³ LIMA, Valéria Alves Esteves J. B. *Debret, historiador e pintor: a viagem pitoresca e histórica ao Brasil (1816-1839)*. São Paulo: Unicamp, 2007, p. 223.

³⁴ LIMA, op. cit., 2007, p. 228. Para Arrais, o pitoresco é um gênero apropriado à evocação daquele que deseja retornar ao passado motivado por uma intenção carregada de saudade. Esse gênero emerge no contexto de transformações urbanas (como o contexto em que vivia Castriciano na Natal do início do século XX, por exemplo). Ver ARRAIS, Raimundo. *A capital da saudade: destruição e reconstrução do Recife em Freyre, Bandeira, Cardozo e Austragésio*. Recife: Bagaço, 2006, p. 38-48.

como o pitoresco para o *flâneur* natalense vai além de componentes da natureza, transformando-se em elementos que despertam a memória, que lembram a Natal de antigamente. Pitoresco para Castriciano, nessa crônica, não era apenas a paisagem marcada pelo verde. Era a paisagem capaz de gerar sentimentos, de despertar lembranças, de reviver a Natal de outrora, ainda não permeada pelos elementos da modernização, que modificavam os comportamentos dos sujeitos, tornando-os cada vez mais alheios às paisagens da cidade.

Nessas crônicas Castriciano narrou episódios significativos da vida do poeta Lourival, ressaltando esse tipo natalense de outrora, que atravessava a nado o rio Potengi para fazer a corte à sua noiva que morava em São Gonçalo, cidade distante da capital. Tratava-se de um homem alegre, que cantava nas cerimônias católicas, compunha modinhas e foi amigo íntimo de vários presidentes de província que passaram pela capital. Um homem típico da realidade natalense do período imperial. Lourival era um boêmio, que encarnava “o espírito alegre da antiga sociedade natalense.”³⁵ Castriciano também o caracteriza como tipo pitoresco, ou seja, como um elemento capaz de despertar a memória dessa Natal que ficava cada vez mais distante. O *flâneur* natalense reconheceu que Lourival era fruto de outra realidade, em que a paisagem da cidade era “doce e áspera” ao mesmo tempo. Período do regime imperial, da escravidão, da Guerra do Paraguai, tempo ainda mais distante da modernização.

³⁵ CASTRICIANO, op. cit., 1993, p. 242.

Outra crônica que também demonstrou a nostalgia de Castriciano e apontou para as consequências negativas da modernização na forma dos natalenses vivenciarem os espaços da cidade foi o texto *Chronica*, publicado em 1908, no *A Republica*. Castriciano, utilizando o pseudônimo Mario do Valle, iniciou o texto compondo uma *écfrasis*:

A minha retina de myope ainda está sentindo a visão do mar, de onde acabo de vir, todo saturado de iodo e de luz. Sahi [...] para sob o ceu esmaecido ver partir o bando alegre dos pescadores que, diariamente, em botes mal seguros e em jangadas grosseiras, desafiam as ondas, em cujo seio colhem o pão de cada dia. [...] Partiram, aquelles ingénuos heroes, humildes na grandeza do trabalho.³⁶

A *écfrasis* fruto da experiência de Castriciano, que saiu de madrugada para observar o trabalho dos pescadores, foi utilizada para iniciar uma discussão presente em outros textos do autor: o descaso dos jovens pelas paisagens da cidade e pelo esporte. Castriciano enfatizou o gosto que possuía por observar as paisagens de sua terra, mas entristecia-se quando percebia que era o único a ter esse hábito, pois os jovens da geração do século XX já não gostavam da “alegria dos campos, da beleza do mar.”³⁷

Em busca de melhores ares que lhe permitissem cultivar a esperança de cura, Castriciano sempre teve intenso contato com a natureza. Quando estava em Tibau, passou sua estada em uma casinha de pescadores a beira-mar, desenvolvendo o hábito de observar

³⁶ CASTRICIANO, Henrique. *Chronica*. In: ALBUQUERQUE, José Geraldo (Org.). *Seleção textos e poesias II*. Natal: RN Econômico, 1994, p. 8-11.

³⁷ CASTRICIANO, op. cit., 1994, p. 109.

o trabalho dos pescadores, que, segundo Cascudo, biógrafo e amigo pessoal de Castriciano, eram seus verdadeiros heróis.³⁸ Na *écfrasis* presente nessa crônica, o autor descreveu esses pescadores realmente como heróis que desafiavam o mar agitado em busca do pão de cada dia. A partir dessa atividade experimentada, Castriciano começou a refletir sobre a apatia da juventude, que não “ama a sua terra” nem conhece as “minúncias da paisagem que a circunda.”³⁹ São burocráticos, doentes e sedentários.

A facilidade de deslocamento gerada pelas inovações técnicas parecia passivar os jovens, deixando-os indiferentes ante o ambiente que passavam. Jovens que eram diferentes de seus avós, que possuíam gosto pela atividade física. Diferentes de Lourival, que enfrentava a nado o rio Potengi. Nota-se mais um aspecto nostálgico presente nas crônicas de Castriciano que, apesar de enfatizar a necessidade da modernização, sente falta daquela época ainda menos modernizada. As transformações técnicas provocavam mudanças na relação com a paisagem que desagradavam o *flâneur* natalense, apaixonado pela realização de longas caminhadas a pé pela cidade.

³⁸ CASCUDO, op. cit., 2008, p. 32.

³⁹ CASCUDO, op. cit., 2008.

Natal soletrando as primeiras letras do abecedário da civilidade⁴⁰

Apesar de sentir saudade da Natal de outrora, ao mesmo tempo em que criticava a pasmaceira e o descuido da Natal do século XX, Castriciano também exaltou diversas mudanças ocorridas nessa cidade do novo século, como a construção de jardins, do teatro e de obras de calçamento. Nota-se que a ambivalência caracterizava os textos castricianos, entre críticas e exaltações da Natal de seu presente e um saudosismo em relação ao passado.

Em 1908 o bonde de tração animal foi introduzido na cidade, por meio da Empresa de Melhoramentos de Natal.⁴¹ Esse transporte urbano seria mais um elemento técnico da modernização que mudaria ainda mais as formas do natalense relacionar-se com as paisagens da urbe. Nesse mesmo ano, Castriciano, utilizando o pseudônimo João Claudio, publicou no *A Republica* a crônica *A Esmo*.⁴² Nessa crônica, o autor exaltou as iniciativas do governo que realizava várias reformas e introduzia o bonde na cidade. O *flâneur* natalense criticava os cétricos, pessoas que não acreditavam que a cidade podia civilizar-se e duvidavam que o bonde pudesse locomover-se pelas ruas da capital, onde predominavam ladeiras:

⁴⁰ Título inspirado na frase de Arrais contida na obra CASCUDO, Luís da Câmara. *A cidade de Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20*. Natal: UFRN, 2011, p. 33.

⁴¹ ARRAIS, Raimundo; ANDRADE, Alenuska; MARINHO, Márcia. *O corpo e a alma da cidade: Natal entre 1900 e 1930*. Natal: UFRN, 2008, p. 98.

⁴² CASTRICIANO, op. cit., 1994, p. 115-117.

Como havemos de subir as ladeiras! Exclamam outros, já de agora suados, como se os bondes tivessem de ser puxados por eles... Alguns fazem cálculos, contam as passagens nos dedos e gesticulam negativamente, tal como futuros conductores a quem o gerente da companhia não quisesse pagar. [...] Mas falemos sério. Natal pode, sem receio, tentar a realização do utilíssimo empreendimento. O habito de andar em bondicará logo nos costumes da população que tende a aumentar, e muito.⁴³

Castriciano acreditava que o bonde era um “poderoso veículo de progresso” e, além de todos os benefícios, seria capaz de aproximar os natalenses, aproximar as partes da cidade.⁴⁴ Fazer com que os habitantes, que no início do século XX estavam isolados em bairros separados e de difícil acesso, pudessem melhorar suas relações sociais. Castriciano ressaltava que o bonde levaria os sujeitos a conhecer mais facilmente a cidade e a “linda moldura que a circundava.”⁴⁵ Se em outras crônicas, como as referentes ao poeta Lourival, o autor criticou os elementos técnicos da modernização, que geravam a passividade da juventude, fazendo-a cada vez mais desinteressada pelas paisagens da cidade e pelo esporte, nessa crônica esses elementos técnicos eram exaltados e colocados como essenciais para o conhecimento e integração dessas paisagens da Natal do século XX.

Outra crônica que também exaltou as mudanças desencadeadas pela modernização da cidade foi a publicada em 1911 no *A Republica*, sem utilização de pseudônimos, intitulada *O Dr. Alberto*

⁴³ CASTRICIANO, op. cit., 1994, p. 116.

⁴⁴ CASTRICIANO, op. cit., 1994.

⁴⁵ CASTRICIANO, op. cit., 1994.

*Maranhão e a Liga de Ensino.*⁴⁶ Em 1911, vários melhoramentos foram inaugurados na cidade, tais como: a introdução da energia elétrica, dos bondes elétricos e do telefone.⁴⁷ Castriciano iniciou o texto comentando sobre a inauguração desses melhoramentos, ressaltando os serviços de iluminação e bondes elétricos, que se faziam presentes em decorrência das iniciativas do governador Alberto Maranhão, de quem era secretário. O autor ressaltou o progresso material que estava sendo implementado na capital norte-rio-grandense, mas ainda enfatizava a necessidade de uma reforma educacional. Foi em 1911, após sua primeira viagem pela Europa, que Castriciano fundou a Liga Norte-rio-grandense de Ensino, que três anos depois fundaria a Escola Doméstica de Natal.

Observa-se nessas crônicas a exaltação das transformações técnicas, que, juntamente com a reforma educacional, ressaltava Castriciano, seriam capazes de transformar realmente a cidade, inserindo-a na vida modernizada, retirando-a da pasmaceira e, quem sabe, educando-a para sentir as paisagens citadinas.

Considerações finais

As crônicas de Henrique Castriciano empregavam detalhes da vida cotidiana como elementos centrais para as descrições da

⁴⁶ CASTRICIANO, Henrique. O Dr. Alberto Maranhão e a Liga de Ensino. In: ALBUQUERQUE, José Geraldo (Org.). *Seleção de textos e poesias II*. Natal: RN Econômico, 1994, p. 308-311.

⁴⁷ ALVEAL, Carmen Margarida Oliveira et al. Transporte dos vivos, transporte dos mortos. In: _____. *Memória minha comunidade*: Alecrim. Natal: SEMURB, 2011, p. 33.

prática daquela sociedade apresentada em seus textos. O cotidiano, como destacou Singer, era um elemento central para a percepção das consequências da modernização. É na cidade que o olhar literário é exercitado, sonhando, construindo e reconstruindo a materialidade da pedra sob a forma de um texto. “O escritor, como espectador privilegiado do social, exerce a sua sensibilidade para criar uma cidade do pensamento, traduzida em palavras e figurações mentais imagéticas do espaço urbano e de seus atores.”⁴⁸ As crônicas analisadas ao longo do artigo apresentaram como o espectador privilegiado Henrique Castriciano traduziu, em palavras, vários cenários urbanos natalenses.

Como observador que mais do que olhar, relacionava-se emocionalmente com a cidade, Castriciano construiu, muitas vezes fazendo uso de *écfrasis*, uma Natal ambivalente. O autor não possuía o olhar frio do analista, mas um olhar de homem apaixonado. O *flâneur* natalense observou a Natal que sofria transformações físicas e sociais, exaltou essas transformações, mas ao mesmo tempo sentiu saudade da Natal de outrora, dessa Natal em que os moradores se relacionavam mais com a natureza, que faziam mais exercícios físicos, que eram mais felizes e aproveitavam a tranquilidade do tempo que não tinha pressa em passar. Em outras ocasiões, Castriciano reclamou da pasmaceira que caracterizava a cidade, e clamou por mais mudanças, por novas formas, por uma Natal que se aproximasse dos centros de civilização que o cronista visitou na Europa e visitava desde criança por meio da literatura.

⁴⁸ PESAVENTO, op. cit., 2002, p. 10.

As ambivalências das imagens de Natal construídas por Castriciano expressaram as angústias desse observador que, como caracterizou Singer, sentiu o “choque do novo em primeira mão”, e viveu em uma cultura que não tinha se ajustado plenamente às transformações repentinas da experiência causada pela modernização.⁴⁹ O autor vivenciou a transição do período imperial para o republicano, presenciou a mudança que o poder local tentava implementar na cidade, mas também vivenciou como essas transformações praticavam-se em ritmos lentos e ambivalentes quando repercutiam nos costumes dos natalenses.

Castriciano teve sua primeira experiência em Natal ainda no século XIX e começou a observar de perto todas as transformações que tencionavam modernizar a cidade. Suas vivências e experiências com a natureza misturavam-se a experiências com o bonde, com o trem, e com o andar a pé e observar os movimentos da cidade. Castriciano, como intelectual que se aproximava da Europa por meio de leituras e viagens, reconhecia a necessidade de reformas na cidade ainda provinciana, mas também sentia as consequências desastrosas que essa modernização acarretava. Os jovens não estavam mais preocupados com as paisagens naturais, sendo que a facilidade do movimento apassivava-os, logo, eles, precisavam ser disciplinados para sentir as belas paisagens natalenses.

⁴⁹ SINGER, op. cit., 2004, p. 119.

Dessa maneira, as crônicas castricianas parecem tentar mostrar aos leitores uma Natal de várias faces, que precisava conciliar a modernização com a felicidade do tempo de Lourival, com as paisagens pitorescas, com a natureza capaz de revigorar os sujeitos, de curar-lhes dessa passividade que os meios técnicos poderiam provocar. Assim como a natureza conteve a “dama branca” que ameaçava a vida de Castriciano, ela também poderia conter as angústias geradas pela modernização e tornar os natalenses verdadeiros *flâneurs*, que mais do que observar, pudessem sentir as paisagens natalenses. Eis a representação de um sujeito que, mesmo vinculado ao poder local, demonstrou como a modernização da cidade foi contraditória e processual.

Referências

Bibliografia

ALVEAL, Carmen Margarida Oliveira et al. Transporte dos vivos, transporte dos mortos. In: _____. *Memória minha comunidade: Alecrim*. Natal: SEMURB, 2011.

ARRAIS, Raimundo. *A capital da saudade: destruição e reconstrução do Recife em Freyre, Bandeira, Cardozo e Austragésio*. Recife: Bagaço, 2006.

_____. Do alto da torre da matriz, acompanhando a procissão dos mortos: Luís da Câmara Cascudo, o historiador da cidade do Natal. *Espacialidades: Revista do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)*, Natal, v. 2, n. 1, 2009.

- _____; ANDRADE, Alenuska; MARINHO, Márcia. *O corpo e a alma da cidade: Natal entre 1900 e 1930*. Natal: UFRN, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BENJAMIN, Walter. A Paris do Segundo Império em Baudelaire. In: KOTHE, Flávio; FERNANDES, Florestan (Orgs.). *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1985.
- BERMAN, Marshall. Baudelaire: o modernismo nas ruas. In: _____. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BRITO, Anderson Dantas da Silva. *Em nome(s) dos interesses: imaginários toponímicos do Rio Grande do Norte na Primeira República*. 2012. 264 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, 2012.
- CARONE, Edgar. *A Primeira República (1889-1930): texto e contexto*. São Paulo: Difel, 1969.
- CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *A cidade de Natal nas crônicas cas-cudianas dos anos 20*. Natal: UFRN, 2011.
- _____. *Nosso amigo Castriciano*. Natal: UFRN, 2008.
- CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa (Orgs.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

CRARY, Jonathan. *Las técnicas del observador: visión y modernidade em el siglo XIX*. Murcia: CENDEAC, 2008.

DANTAS, George. Surge et ambula: “crise” urbana em Natal na virada para a década de 1920. In: _____. *Linhas convulsas e tortuosas retificações: transformações urbanas em Natal nos anos 1920*. 2003. 194 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo (USP), São Carlos, 2003.

FAORO, Raymundo. *Existe um pensamento político brasileiro?* São Paulo: Ática, 1994.

LIMA, Valéria Alves Esteves J. B. *Debret, historiador e pintor: a viagem pitoresca e histórica ao Brasil (1816-1839)*. São Paulo: Unicamp, 2007.

MITCHELL, William John Thomas. *Teoría de la imagen: ensayos sobre representación verbal y visual*. Madrid: Akal, 2009.

PEIXOTO, Renato Amado. Espacialidade e estratégias de produção identitária no Rio Grande do Norte no início do século XX. In: _____. (Org.). *Nas trilhas da representação: trabalhos sobre a relação entre história, poder e espaços*. Natal: UFRN, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Rio de Janeiro: uma cidade no espelho (1890-1910). In: _____. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

RESENDE, Maria Efigênia Lage de. O processo político na Primeira República e o liberalismo oligárquico. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.). *O tempo*

do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

RODRIGUES, Andréa Gabriel Francelino. *Educar para o lar, educar para a vida: cultura escolar e modernidade educacional na Escola Doméstica de Natal (1914-1945).* 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, 2007.

SANTOS, Renato Marinho Brandão. A gestão da cidade: o papel da Intendência Municipal na construção de uma Natal moderna (1890-1930). *Espacialidades: Revista do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal*, v. 2, n. 1, 2009.

SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa (Orgs.). *O cinema e a invenção da vida moderna.* São Paulo: Cosac Naify, 2004.

SIQUEIRA, Gabriela Fernandes de. As Resoluções Municipais como fontes para pesquisas de história urbana da cidade de Natal no início do século XX. In: *Anais do II Seminário Nacional Fontes Documentais e Pesquisa Histórica: sociedade e cultura.* Campina Grande: UFCG, 2011.

SPINELLI, José Antônio. Coronéis e oligarquias na Primeira República. *Observanordeste.* Disponível em: < http://www.fundaj.gov.br/geral/observanordeste/spinelli_05.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2012.

Fontes

A REPUBLICA, Natal, 30 abr. 1910.

ALBUQUERQUE, José Geraldo de (Org.). *Seleção textos e poesias I*. Natal: RN Econômico, 1993.

BRAZ, José. Aspectos natalenses, crítica dos costumes. In: ALBUQUERQUE, José Geraldo de (Org.). *Seleção textos e poesias I*. Natal: RN Econômico, 1993.

CARTAS DE PARIS. *A Republica*, Natal, 21 jan. 1905.

CASTRICIANO, Henrique. Chronica. In: ALBUQUERQUE, José Geraldo (Org.). *Seleção textos e poesias II*. Natal: RN Econômico, 1994.

_____. Lourival e seu tempo III. In: ALBUQUERQUE, José Geraldo de (Org.). *Seleção textos e poesias I*. Natal: RN Econômico, 1993.

_____. O Dr. Alberto Maranhão e a Liga de Ensino. In: ALBUQUERQUE, José Geraldo (Org.). *Seleção textos e poesias II*. Natal: RN Econômico, 1994.

DESASTRE DE BONDE. *A Republica*, Natal, 14 jul. 1934

INSPECTORIA DE HIGYENE. *A Republica*, Natal, 16 dez. 1902.

LAMENTAVEIS OCORRÊNCIAS. *A Republica*, Natal, 3 dez. 1917.

LIMPESA DAS RUAS. *A Republica*, Natal, 4 abr. 1902.

O COMMERCIO DE LIVERPOOL. *A Republica*, Natal, 22 mar. 1905.

O QUE VAI PELO MUNDO. *A Republica*, Natal, 5 jan. 1905.

Recebido em 15 de agosto de 2012; aprovado em 29 de novembro de 2012.